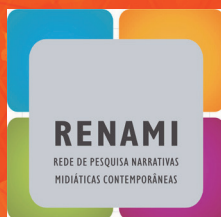


Narrativas Midiáticas Contemporâneas

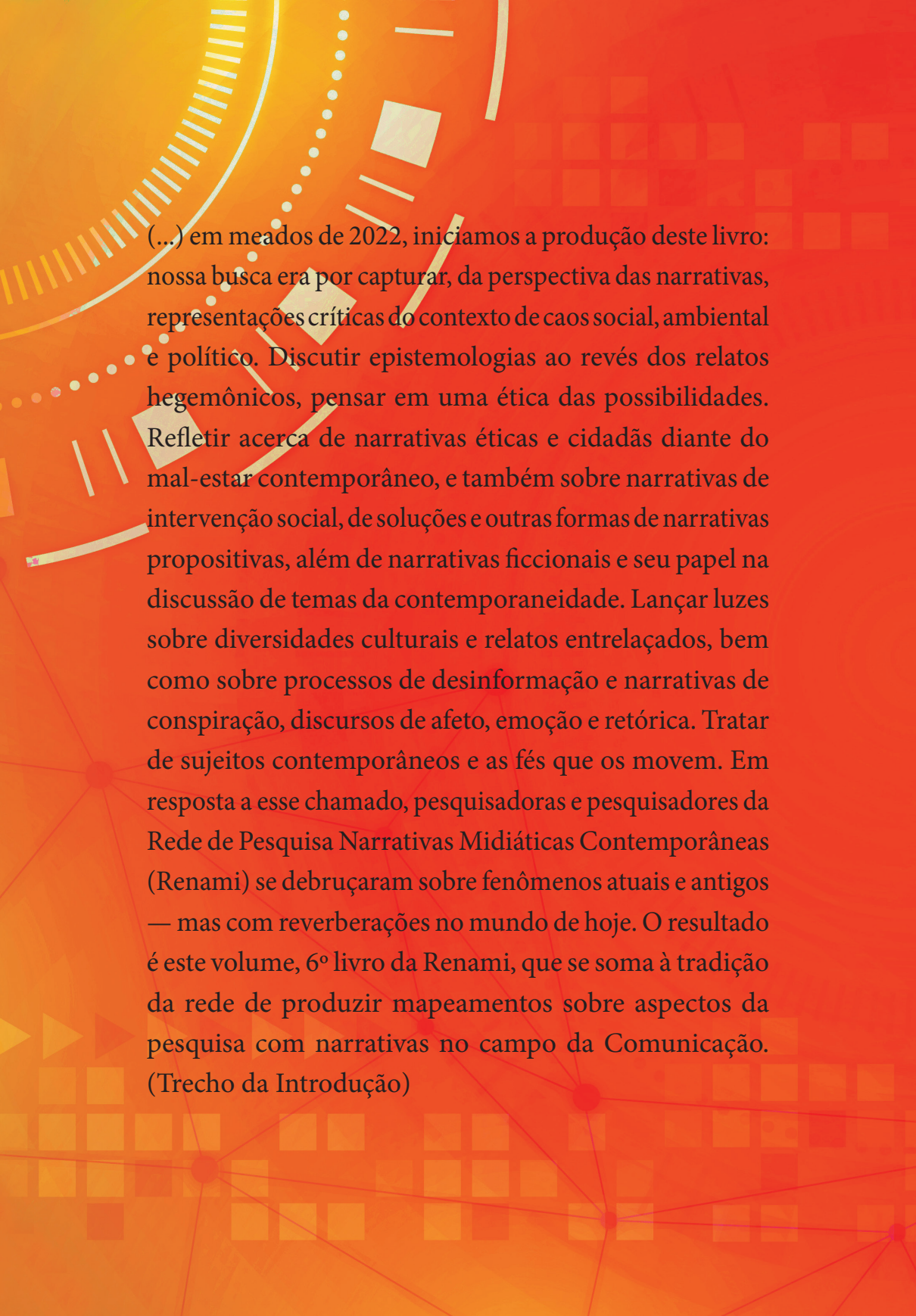
Inquietações Diante do Caos

Demétrio de Azeredo Soster
Karina Gomes Barbosa
Mateus Yuri Passos
(Organizadores)



EDITORA  INSULAR





(...) em meados de 2022, iniciamos a produção deste livro: nossa busca era por capturar, da perspectiva das narrativas, representações críticas do contexto de caos social, ambiental e político. Discutir epistemologias ao revés dos relatos hegemônicos, pensar em uma ética das possibilidades. Refletir acerca de narrativas éticas e cidadãs diante do mal-estar contemporâneo, e também sobre narrativas de intervenção social, de soluções e outras formas de narrativas propositivas, além de narrativas ficcionais e seu papel na discussão de temas da contemporaneidade. Lançar luzes sobre diversidades culturais e relatos entrelaçados, bem como sobre processos de desinformação e narrativas de conspiração, discursos de afeto, emoção e retórica. Tratar de sujeitos contemporâneos e as fés que os movem. Em resposta a esse chamado, pesquisadoras e pesquisadores da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami) se debruçaram sobre fenômenos atuais e antigos — mas com reverberações no mundo de hoje. O resultado é este volume, 6º livro da Renami, que se soma à tradição da rede de produzir mapeamentos sobre aspectos da pesquisa com narrativas no campo da Comunicação. (Trecho da Introdução)

Autores e autoras

Adriana Pierre Coca
Agnes de Sousa Arruda
Alda Cristina Costa
Ana Cláudia Peres
Arthur Breccio Marchetto
Cláudia Thomé
Demétrio de Azeredo Soster
Denise Tavares
Érica R. Gonçalves
Fábio Alves Silveira
Gabriel Airto Domingos
Igor Oliveira Neves
Jamilé Santana
José Carlos Fernandes
Karina Gomes Barbosa
Leo Cunha
Luiz Henrique Zart
Maira Gioia de Brito
Mara Rovida
Marco Aurélio Reis
Mateus Yuri Passos
Maurício Guilherme Silva Jr.
Mauro de Souza Ventura
Myrian Regina Del Vecchio-Lima
Paulo Henrique Soares de Almeida
Pedro H. M. Mendonça
Renata de Paula dos Santos
Renato Essenfelder
Romer Mottinha Santos
Sebastião Clovis Brito do Nascimento Júnior
Tássia Aguiar de Souza
Thiago Perez Bernardes de Moraes
Thífani Postali
Vanessa Krunfli Haddad
Vânia Maria Torres Costa
Vinícius Pedreira Barbosa da Silva

Narrativas Midiáticas Contemporâneas

Inquietações Diante do Caos

Demétrio de Azeredo Soster
Karina Gomes Barbosa
Mateus Yuri Passos
(Organizadores)



Florianópolis
EDITORA  INSULAR
2023



NARRATIVAS MIDIÁTICAS CONTEMPORÂNEAS

Inquietações Diante do Caos

© 2023, Demétrio de Azeredo Soster, Karina Gomes Barbosa e Mateus Yuri Passos (Orgs.)

DIRETORA EDITORIAL DA SBPJOR

Alciane Baccin

CONSELHO EDITORIAL DA EDITORA SBPJOR – LUIZ GONZAGA MOTTA:

Alciane Baccin (Presidente), Claudia Nonato, Frederico Tavares

Marta Maia, Rafael Paes e Raquel Longhi

EDITOR

Nelson Rolim de Moura

CAPA e DIREÇÃO DE ARTE

Estúdio Insular

CONSELHO EDITORIAL DA EDITORA INSULAR

Dilvo Ristoff, Eduardo Meditsch, Jali Meirinho, Jéferson Silveira Dantas, Nilson Cesar

Fraga, Pablo Ornelas Rosa, Sergio Ferreira Mota e Waldir José Rampinelli.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

S716n	Soster , Demétrio de Azeredo; Barbosa , Karina Gomes; Passos , Mateus Yuri (org.). Narrativas Midiáticas Contemporâneas: inquietações diante do caos / Organizadores: Demétrio de Azeredo Soster, Karina Gomes Barbosa e Mateus Yuri Passos. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Editora SBPJOR; Florianópolis, SC : Editora Insular, 2023. 456 p.; figs.; tabs.; gráfs.; fotografias. E-book: 11 Mb; PDF. ISBN 978-85-524-0400-2 [Editora Insular]. ISBN 978-65-88995-04-4 [Editora SBPJOR]. 1. Comunicação. 2. Discursos. 3. Epistemologias. 4. Ética das Possibilidades. 5. Narrativas de Conspiração. 6. Narrativas Midiáticas. 7. Processos de Desinformação. 8. Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami). I. Título. II. Assunto. III. Organizadores. CDD 070.4 CDU 170
	23-30246322

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Jornalismo.
 2. Jornalismo (imprensa).
-

NARRATIVAS MIDIÁTICAS CONTEMPORÂNEAS: INQUIETAÇÕES DIANTE DO CAOS

SOSTER, Demétrio de Azeredo; **BARBOSA**, Karina Gomes; **PASSOS**, Mateus Yuri (org.). **Narrativas Midiáticas Contemporâneas: inquietações diante do caos**. 1. ed. Brasília, DF : Editora SBPJOR; Florianópolis, SC: Editora Insular, 2023. E-book (PDF; 11 Mb). ISBN 978-85-524-0400-2. ISBN 978-65-88995-04-4.

Editora Insular

{48} 3334-2729
editora@insular.com.br
twitter.com/EditoralInsular
www.insular.com.br
facebook.com/EditoralInsular

Insular Livros

Rua Antônio Carlos Ferreira, 537
Bairro Agronômica
Florianópolis/SC – CEP 88025-210
{48} 3334-2729
insularlivros@gmail.com

Sumário

Introdução

*Demétrio de Azeredo Soster, Karina Gomes Barbosa
e Mateus Yuri Passos*..... 9

I

Política, Desinformação e Resistências

*Fake news em tempos de Covid: a desinformação durante a
CPI da Pandemia*
Fábio Alves Silveira 16

*Da desinformação ao caos: a representação do brasileiro
no caso dos sommeliers de vacina*
Paulo Henrique Soares de Almeida 37

*O negacionismo do governo Bolsonaro diante da pandemia
e a narrativa paródica do site Sensacionalista*
Renata de Paula dos Santos e Mauro de Souza Ventura..... 57

*Da invasão de hospitais à intimidação da imprensa:
Análise dialógica de charges sobre discurso do presidente
do Brasil, Jair Bolsonaro, durante a pandemia de Covid-19*
Vanessa Krunfli Haddad 80

*A República em Vultos: uma análise sobre personagens do
Governo Bolsonaro em reportagens de perfil da revista piauí*
*Sebastião Clovis Brito do Nascimento Junior
e Luiz Henrique Zart* 107

Memória e esquecimento na formação de narrativas autoritárias em 1984 <i>Érica R. Gonçalves</i>	129
Narrativas jornalísticas e alteridades: disputas de sentido no encontro com o Outro na questão Palestina-Israel <i>Vinícius Pedreira Barbosa da Silva</i>	143
Os 100 primeiros dias. Guerra Ucrânia-Rússia e o temor da Terceira Guerra Mundial na web <i>Thiago Perez Bernardes de Moraes e Romer Mottinha Santos</i>	162
Cosm visões em crise: prenúncios do colapso climático em <i>Vozes de Tchernóbil</i> , de Svetlana Aleksievitch <i>Arthur Breccio Marchetto e Igor Oliveira Neves</i>	181
Narrativas jornalísticas e a crise socioambiental brasileira: entre os “portadores de inquietações” e os “herdeiros do caos” <i>Myrian Regina del Vecchio-Lima, José Carlos Fernandes, Máira Gioia de Brito e Gabriel Airto Domingos</i>	201
Narrativas audiovisuais de retorno à vida rural: a série “Juntos” no contexto do “Bem Viver” <i>Denise Tavares</i>	223
Reconfigurações das narrativas midiáticas no contexto da Sociedade 5.0 <i>Marco Aurelio Reis e Cláudia Thomé</i>	244
Narrativas jornalísticas de soluções: análise da reportagem “Favela vs Covid-19” <i>Leo Cunha e Maurício Guilherme Silva Jr.</i>	265

II

Sujeitos, Corpos e Existências

Ninguém é comum: o testemunho do ordinário na coluna Trombadas <i>Ana Cláudia Peres</i>	283
A matemática de Gog: da narrativa <i>folkcomunicacional</i> ao jornalismo das periferias <i>Mara Rovida e Thífani Postali</i>	302
“Listen”: o cinema na encruzilhada da comunicação intercultural <i>Adriana Pierre Coca e Renato Essenfelder</i>	324
<i>What a week, huh?</i> A exaustão viral dos millennials em tempos de <i>home office</i> <i>Tássia Aguiar de Souza</i>	342
Narrativas de si: a resistência dos povos indígenas do Brasil e a violência da pandemia <i>Vânia Maria Torres Costa e Alda Cristina Costa</i>	358
As faces da gordofobia: o jornalismo como difusor do preconceito <i>Agnes de Sousa Arruda e Jamile Santana</i>	380
O caso Beto Freitas e a cobertura descontextualizada do UOL <i>Pedro H. M. Mendonça</i>	401
Apelo por Ghislaine Lefèvre: anarquivar o primeiro crime passional nas tramas históricas do jornalismo <i>Karina Gomes Barbosa</i>	423
Sobre os autores e autoras	449

“Listen”: o cinema na encruzilhada da comunicação intercultural

*Adriana Pierre Coca
Renato Essenfelder*

Introdução

A contemporaneidade atualiza e rompe fronteiras culturais e sociais constantemente, seja pelas promessas do capital, pela violência ou pela mudança climática, provocando sucessivas crises de refugiados – fenômeno considerado, pela Organização das Nações Unidas, um dos maiores desafios humanos deste século. Recentemente, o drama voltou a ganhar destaque mundial por conta da invasão russa à Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022, e pelo contexto pós-pandêmico, que expôs ainda mais as desigualdades entre nações e acirrou problemas sociais e econômicos, sobretudo em populações mais vulneráveis.

A partir desse contexto, o principal objetivo deste estudo foi dimensionar o conceito de comunicação intercultural a partir da tensão dos encontros entre diferentes culturas – um confronto que vai além da fronteira geopolítica e se estabelece na fronteira da significação. A inquietação central indaga e busca compreender como se estabelece a comunicação entre distintas culturas. Nessa busca, o aporte teórico basilar foi a semiótica da cultura (SC), especialmente os conceitos de tradução e fronteira semiótica de Lotman (1996; 1998; 2003; 2007; 2013; 2021), que defende que é na semiosfera, espaço abstrato de realização das semioses (processos de significação), que ocorrem os tensionamentos entre os textos culturais.

“Listen”, o filme analisado neste capítulo, é pensado como um texto da cultura, porque, segundo Lotman (2003), a noção de texto é abrangente e acolhe as mais diversas manifestações da cultura. Não se restringindo apenas a um texto verbal, literário, admite inclusive os textos não

verbais, como a dança, a escultura, a pintura, considerando que cada um deles tem a sua estruturalidade, seus códigos específicos, regras que regem sua gramática e funcionamento. O texto cultural é a unidade básica da semiótica da cultura (Lotman, 2003), porque é a sua constante reconfiguração que determina a dinâmica do espaço semiótico. Nesse movimento, a tradução se converte no principal mecanismo de atividade do texto da cultura (Machado, 2016), como será detalhado adiante.

O *corpus* da pesquisa é um filme luso-britânico, “Listen” (2020), primeiro longa-metragem da portuguesa Ana Rocha de Sousa, que narra uma história inspirada em fatos reais: o drama de uma família lusitana que vive nos arredores de Londres e vê os três filhos serem encaminhados para a adoção, após a suspeita de maus-tratos à filha de 7 anos, que é surda. A opção por analisar essa obra audiovisual foi por entender que o enredo expõe de modo realista as barreiras que podem se estabelecer na comunicação intercultural. O percurso teórico-metodológico (Rosário, 2008) que guiou a investigação parte da observação da narrativa ficcional na íntegra e da seleção de aspectos pontuais entrelaçados à teoria de base, além do levantamento de material adjacente que nos auxiliou a contextualizar a produção.

O capítulo está dividido em quatro momentos. Além desta introdução e das considerações finais, explicitamos os pressupostos da semiótica da cultura e, em seguida, traçamos um breve histórico sobre os caminhos da imigração/refúgio e de narrativas ficcionais que já abordaram o assunto, informações que importam para situar o tema e sinalizar a preocupação crescente que ele vem ganhando no audiovisual. Na sequência, tecemos a análise do objeto empírico entremeada às relações teóricas, apontando os resultados da pesquisa.

Os pressupostos teóricos da semiótica da cultura

A semiótica da cultura é uma perspectiva teórica que surge na Universidade de Tártu, na Estônia, sobretudo a partir dos encontros

de verão dos anos 1960 entre pesquisadores de Tártu e de Moscou, e se constrói da necessidade de compreender como se configuram as relações entre distintas culturas (Machado, 2003). Segundo Machado (2021), o problema semiótico pautado pela SC continua muito atual e nos possibilita refletir sobre interações que vêm se intensificando com as mobilizações dos povos refugiados e imigrantes ao redor do mundo.

Para Lotman (2013), semioticista que é o principal representante dessa corrente teórica, a cultura detém memória coletiva e está em constante mudança, constituindo-se como um vasto sistema de signos que abarca subconjuntos (sistemas culturais), sendo que cada cultura tem o seu traço distintivo, pois “a cultura só se concebe como uma parte, como uma área fechada sobre o fundo da não-cultura” (Lotman; Uspênskii, 1981, p. 37). Lotman e Uspênskii compreendem por não-cultura os textos que são estranhos a determinada religião, determinado saber, comportamento ou tipo de vida. É assim com o imigrante/refugiado em uma terra estrangeira: há os pontos de conexão, como o domínio da língua, por exemplo, e existem os elementos alheios, que formam o fundo da não-cultura. Lotman (1996) explica que cada espaço tem seus habitantes correspondentes e que ao transladarmos para um outro ambiente perdemos nossa identificação. Ao mesmo tempo em que somos nós mesmos nesse novo lugar, transformamos em outro, condição que parece bem retratada pela personagem Bela no filme “Listen”, como veremos a seguir. É preciso “ter em vista que o outro deve ser entendido aqui como uma construção produzida pela própria cultura e pertencente a ela” (Lotman, 2021, p. 91).

Para a semiótica da cultura, é a tradução (os processos de tradutibilidade e intradutibilidade) estabelecida entre os distintos textos culturais que possibilita a comunicação, a troca de mensagens, a expansão, a reconfiguração e a atualização dos sistemas da cultura (Lotman, 2013). Essa dinâmica cultural acontece na semiosfera, dimensão abstrata e espaço da comunicação, das semioses, que são os processos de significação. Lotman (2007) defende que é na semiosfera que ocorre a sincronização do “espaço semiótico que preenche as margens da cultura, sem a qual os sistemas semióticos separados não

podem funcionar ou se formar” (Lotman, 2007, p. 8). Como “espaço” de realização da semiótica, a semiosfera está em constante transmutação, porque, assim como comporta as tensões internas entre os textos da cultura, está “aberta” à informação externa/nova. A semiosfera, segundo o autor (Lotman, 1998) se compõe de um centro, um núcleo duro composto de elementos invariantes e no qual os códigos e regras dos sistemas culturais são mais rígidos, e pelas zonas de fronteira (margens) das semiosferas que se compõem de elementos variantes, que permitem as remodelações dos sistemas. “Do ponto de vista das fronteiras, que se constituem em todo encontro dialógico de culturas, a busca de um código comum é simplesmente irrelevante. Aqui o que se tem como certo é a intraduzibilidade própria da condição estrangeira” (Machado, 2016, p. 164).

Américo (2017) esclarece que as fronteiras semióticas em alguns casos podem ser associadas às fronteiras geográficas, isto é, podemos pensar em uma semiosfera da cultura britânica e em uma semiosfera cultural portuguesa, assim como as semiosferas também podem ser distintas historicamente – por exemplo, podemos descrever a cultura portuguesa contemporânea e a cultura portuguesa do século XIX. A autora explica, ainda, que se trata de um processo bilateral, pois um texto da cultura pode romper seus limites e se direcionar para fora da sua semiosfera, sendo (ou não) assimilado por outra. Ao mesmo tempo é também um processo ambíguo, porque na zona de fronteira os textos culturais estão sujeitos à separação e à união. Essa é a mobilidade da fronteira semiótica da cultura: um texto é considerado próprio de determinado espaço semiótico ou alheio a ele, dependendo do ponto de vista do observador. “Na verdade, há sempre uma multiplicidade de sistemas diferentes diante de nós. Alguns deles estão, de certo modo, relativamente próximos e podem ser mutuamente traduzíveis. Outros sistemas funcionam em oposição uns aos outros precisamente devido à sua intraduzibilidade mútua” (Lotman, 2021, p. 92).

É por isso que, para Lotman (2013), até no caos existe uma determinada ordem, porque o que pode ser considerado caótico para determinada cultura pode não o ser para outra. Kirchof (2010) explica

que para o semiótico (Lotman, 2013) a noção de fronteira delimita “com clareza a diferença entre o mundo semiotizado e o mundo não-semiotizado, por outro lado, no entanto, essa delimitação não possui um caráter absoluto, pois aquilo que é periférico em um determinado contexto pode não sê-lo em outro; o que é sistema para um determinado grupo pode ser o caos para outro” (Kirchof, 2010, p. 70).

Nessa concepção, devemos considerar que os instantes de intradutibilidade não se apresentam como ruídos ao processo de comunicação das mensagens, segundo os pressupostos da SC, pelo contrário, são encontros que desencadeiam a indeterminação dos sentidos, podendo trazer novas informações a serem incorporadas (ou rejeitadas) por um sistema ou texto da cultura.

Conforme já discutimos em outro estudo (Coca, 2018), os textos da cultura podem assumir funções distintas, que se sobrepõem. A função mnemônica, por exemplo, pode ser aclarada com a metáfora das sementes de vegetais, “as quais, como mecanismos que geram informação, podem ser transportadas a uma esfera ecológica alheia, conservando seu potencial de germinação; isto é, reconstruindo a memória da árvore que a criou” (Lotman, 2003, p. 4, tradução nossa).

A função informativa indica que os textos da cultura comunicam algo, são dotados de sentidos (Lotman, 2003). Essa função exige que o contexto seja considerado, pois, se recebermos um texto fora do seu entorno, seja verbal ou não-verbal, é possível que haja necessidade de uma reconstrução dos códigos. É só imaginarmos uma visita a um museu antropológico, por exemplo, na qual nos sentimos imersos em culturas ancestrais. Nesse caso, se não nos munirmos de outras informações para dar conta de “ler” os textos ali expostos, os sentidos traçados nas obras em exposição podem ficar comprometidos, e a comunicação não acontecer.

Já a função criativa permite a entrada de elementos irregulares a um sistema e, desse modo, podem ser instaurados novos sentidos aos textos culturais, engendramento que permite as transformações da cultura e as criações. Isso quer dizer que é a partir da função criativa do texto cultural que as irregularidades, imprevisibilidades e descontinuidades

dos textos se colocam e essa é uma qualidade imprescindível aos diálogos interculturais.

Nesses encontros podem ocorrer tanto os processos previsíveis, já conhecidos, quanto tensionamentos dos sentidos. Segundo o princípio organizativo que rege os sistemas de signos/linguagem, cada sistema/linguagem tem as suas regras e códigos que lhes dão contorno. São os códigos que formam os textos da cultura, que formam as linguagens que constituem os sistemas culturais, como os mitos, a literatura, o jornalismo, o cinema. Nessa via, um sistema cultural é um sistema de comunicação, organizador das linguagens e, também, um sistema modelizador (Kirchof, 2010). Isto é, fornece um “modelo determinado de mundo” (Kirchof, 2010, p. 66). Os sistemas modelizantes ou modelizadores são “sistemas relacionais constituídos por elementos e por regras combinatórias no sentido de criar uma estruturalidade que se define, assim, como uma fonte ou um modelo” (Machado, 2003, p. 167).

Como discorrem Coca e Tavares (2022), no movimento de atualização da cultura, a comunicação tem duas direções possíveis: a via da previsibilidade e a via da imprevisibilidade. Lotman (2013) explica que os órgãos dos sentidos reagem aos estímulos que são percebidos como um movimento contínuo pela consciência, quando o processo de percepção opera sobre o previsível temos a percepção já esperada, que tende à estabilização. A segunda via perceptiva acontece quando os sentidos se deparam com o imprevisível e nos conduzem à desestabilização. O imprevisível é algo que não é regular a determinado sistema da cultura, ou seja, rompe com as regularidades daquele sistema.

Para Lotman (2021), o instante da destruição da expectativa de determinado texto é aquele que detém maior carga informativa, pois, para ele, quanto mais criativo e improvável, mais dotado de informação é um texto. Pois o espaço semiótico é heterogêneo e o que é estrangeiro a um texto ou sistema da cultura não deve pensado como algo a ser neutralizado, porque representa em si uma potência para aprimorarmos nossa percepção e sentidos (Machado, 2016). A tensão gerada nos encontros interculturais é antes de tudo uma disputa por informação

(Lotman, 2021): informação nova, desconhecida, a ser apreendida.

Tecidas as relações teóricas, a seguir expomos um breve contexto sobre a condição de refúgio/imigração no audiovisual.

Os povos refugiados e imigrantes no audiovisual

Em estudo anterior (Coca; Corsi, 2019), repercutimos a situação de refúgio retratada na telenovela brasileira “Órfãos da Terra” (TV Globo, 2018), ganhadora do Emmy Internacional em 2020. Na ocasião, realizamos um breve resgate histórico que atualizamos nesta discussão.

A ONU esclarece no Estatuto dos Refugiados, criado em 1951, depois da onda migratória que assolou a Europa em consequência da Segunda Guerra Mundial, que o refugiado é aquele que deixa seu país porque se vê sem proteção e/ou perseguido por motivos de raça, religião, grupo social ou opiniões políticas. Hoje, sabemos que essa condição considera também as pessoas obrigadas a deixar sua nação devido a conflitos armados, a violência generalizada ou a violações massivas dos direitos humanos (Coca; Corsi, 2019), como acompanhamos com a guerra na Ucrânia. Já a imigração é o ato de entrar em um país diverso do seu para nele viver (Barbosa; Hora, 2006), legal ou ilegalmente, não necessariamente pelas mesmas razões impostas a um refugiado.

O Brasil, por exemplo, é formado por ondas migratórias. Segundo o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), o país sempre foi visto como pioneiro na recepção de refugiados. Em 1960, foi o primeiro estado do Cone-Sul a ratificar a convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados (Coca; Corsi, 2019). Não à toa que em se tratando da produção de audiovisual, o tema sempre teve destaque, a exemplo das telenovelas brasileiras da TV aberta que contam histórias de imigrantes e refugiados. Citamos algumas: “Meu rico português” (TV Tupi, 1975); “Os Imigrantes” (TV Bandeirantes/1981/1982); “Vida Nova” (TV Globo/ 1988/1989); “Terra Nostra” (TV Globo/1999/2000); “Água na Boca” (TV Bandeirantes/2008)

e a já mencionada e recente “Órfãos da Terra”, que retrata a fuga de uma família síria e sua adaptação no Brasil. Essas tramas abordam os desafios e as conquistas dos imigrantes portugueses, italianos, sírios e japoneses que escolheram viver no país.

Fora do Brasil, o tema da imigração e do refúgio ganhou ressonância na ficção seriada televisual nos últimos anos. Entre as narrativas internacionais de sucesso, a aclamada série britânica “In the long run” (Sky One/CBC), que acompanha a saga de uma família de Serra Leoa para sobreviver em Londres, “Years and Years” (BBC/HBO), em que um dos núcleos da trama tenta imigrar para uma Grã-Bretanha governada pela extrema-direita xenófoba, e, também, a sexta temporada de “Orange is the New Black”, da Netflix, que discute a situação de imigrantes e refugiados encarcerados nos Estados Unidos, entre muitos outros casos.

Na produção de documentários, “Unsettled: Seeking Refuge in America” ganha os holofotes por dar voz aos refugiados LGBTQIAPN+ que chegam da África e do Oriente Médio e solicitam asilo às autoridades americanas. No Brasil, a Globoplay, plataforma de streaming da TV Globo, disponibilizou “Para Sama”, que reproduz o dia-a-dia da cineasta Waad al-Kateab na cidade de Aleppo, na Síria, tomada por rebeldes.

No cinema, o tema traz abordagens mais densas, “Refugiados” (2020) e “Os lobos” (2021), e outras mais suaves, “Samba” (2015) e “Never gonna snow again” (2020), entre outras tantas produções que retratam o assunto. “Listen” nos afetou de modo contundente porque vivemos em Portugal e, como imigrantes brasileiros, fomos tocados pelos conflitos reportados no longa-metragem. Aliás, não só nós como espectadores e pesquisadores de audiovisual, a produção conquistou quatro prêmios no Festival de Veneza, em 2020, entre eles, o prêmio especial do júri da seção “Horizontes” e o “Leão do Futuro”

O filme se torna mais sensível quando lembramos que foi inspirado em uma história real, situação que possivelmente afeta ou já afetou muitas famílias, não só portuguesas. Nesse retrato, importa mencionar que Portugal é um país que se sobressai a outras nações europeias quando o assunto é o acolhimento a imigrantes, pois é considerado um

dos países mais acessíveis do mundo à população estrangeira, segundo dados de 2017 do Alto Comissariado das Migrações português, por conta das políticas públicas de imigração que vem consolidando nos últimos anos. Em contrapartida, muitos portugueses, principalmente os mais jovens, optam por buscar trabalho e uma vida nova em outras regiões da Europa, como representa a família protagonista de “Listen”. Além da fronteira linguística que essas pessoas podem ter de encarar, há outros limites que se atravessam à comunicação intercultural, perpassam as leis locais e a resistência do outro ao que é estrangeiro, como apontamos nas questões levantadas pelos pressupostos teóricos da SC.

Traçado esse breve contexto que acolhe a produção de “Listen”, a seguir, expomos nossas percepções ao analisar o filme.

A comunicação intercultural e o silenciamento do outro na narrativa de “Listen”

Conforme exposto na introdução desta reflexão, a metodologia adotada privilegiou a condução teórico-metodológica (Rosário, 2008), em que aspectos pontuais do filme “Listen” foram selecionados e relacionados à teoria de base, que é a semiótica da cultura, sendo o enredo e algumas cenas descritas para melhor entendimento da narrativa ficcional.

“Listen” em tradução livre da língua inglesa para a língua portuguesa, é “Ouçam”, título que traz em si um apelo, um signo explícito da trama que envolve o casal protagonista, Bela (Lúcia Moniz) e Jota (Ruben Garcia), que implora para que seja ouvido pelas autoridades britânicas e que seus filhos, o adolescente Diego (James Felner), Lu, uma menina surda de 7 anos e a bebê Jessy (Lola Weeks/ Kiki Weeks), sejam entregues de volta à família.

O argumento principal da história se desenvolve a partir de um grande mal entendido, quando Lu é encaminhada para a escola sem o

seu aparelho de audição, que quebrou. A família não tem como pagar por um novo. O aparelho pode ser pago em parcelas, só que para isso a loja exige comprovação de renda e um fiador, algo impossível à família de imigrantes. Bela trabalha como faxineira em casas de família, seu marido Jota é marceneiro, ele fez um trabalho e aguarda receber pelo serviço, que nunca é pago. Lu sofre uma queda na escola e é levada para o hospital, onde percebem manchas roxas nas costas dela, questionada sobre o que teria acontecido, a menina não sabe responder, a Mãe também é questionada e não sabe como a filha se machucou. A situação acaba fazendo com que Lu confesse que está sem o aparelho de audição, algo que a Mãe pediu segredo, pois ela não poderia ser deixada na escola sem o aparelho.

Em casa, Bela se desespera, porque pressente que algo ruim pode acontecer, já que estão à espera de uma visita dos agentes do Serviço Social, agendada para aquele mesmo dia, às quatro e meia da tarde, com a intenção de avaliar as condições de manutenção da família. Bela implora ao marido para que eles fujam dali, mas ele é contra, já que não fizeram nada de errado. O pior acontece, eles são denunciados pela escola por colocarem os filhos em risco e as crianças são levadas de casa pelos agentes. Dias depois, quando as crianças já estão a viver no abrigo/casa de acolhimento, uma das funcionárias do Serviço Social revela a Bela que as manchas roxas de Lu voltaram a aparecer em outras partes do corpo e, depois de examinada, os médicos chegaram à conclusão que trata-se de uma espécie de púrpura, uma reação natural do organismo que pode ser desencadeada por medicamentos, por problemas de articulação ou até por envelhecimento, ou seja, a criança não foi agredida pelos pais como suspeitaram. Essa é a explicação plausível que Bela usa no tribunal e que a ajuda a recuperar a guarda da filha.

A narrativa inicial de “Listen” já demonstra um diálogo intercultural conflitante, que evidencia a condição de outro no país que escolheram para viver. A família portuguesa enfrenta uma situação indigna, em que o Estado, ao invés de oferecer ajuda, interpela-os, impondo exigências para que se mantenham ali. Eles precisam provar que têm

uma casa organizada e recursos para viver naquele lugar, até para fazer a compra de urgência do aparelho auditivo que garante qualidade de vida à filha surda, eles são postos à prova. São os limites do sistema cultural alheio que começam a ser detectados, expondo os códigos pelos quais é formado e que representa “um determinado modelo ou recorte da realidade” (Kirchof, 2010, p. 66), uma realidade que terá que ser traduzida, ainda que seja pelo percurso do tensionamento.

A pequena Lu representa uma semiosfera à parte nesse contexto, as primeiras cenas do filme são silenciosas, como se a realizadora quisesse que sentíssemos o mundo pelo olhar da menina. Quando a vemos em cena, ela quase sempre está com uma máquina fotográfica de brinquedo em mãos, é através daquele dispositivo que ela cria e enxerga o mundo, os códigos da criança são diferentes dos que são compreendidos por outras pessoas, porque ela precisa da família, da linguagem dos sinais e do aparelho no ouvido para interagir com o mundo externo.

Quando Lu chega à escola, entrega sua máquina fotográfica à mãe e entra, como se naquele ambiente (cultura) não fosse permitido adentrar com seu olhar peculiar. Lembramos que “a cultura, sendo o lugar da semiosfera, subdivide-se em diferentes linguagens, criando-se dessa forma, ‘subsemiosferas’, que adquirem uma identidade própria a partir da maneira específica como organizam a informação” (Kirchof, 2010, p. 64). É nesse sentido que entendemos que a personagem constrói sua própria semiosfera.

Na cena do cartaz de divulgação do filme vemos Lu em cima de um muro, vestida com sua capa de chuva cor de rosa a mirar um avião e a imitá-lo com os braços abertos, como se tivesse livre e voasse, mesmo que viva enclausurada no seu mundo silencioso. Essa personagem é crucial para o enredo, não só porque dela se constrói o conflito central, mas também porque ela representa o modo como os pais precisaram se portar diante do embate. Eles foram silenciados, já que o sistema no qual estavam inseridos não foi capaz de ouvi-los.

Embora a cena de divulgação do longa-metragem e o enredo tenham a menina como foco, o protagonismo de fato está na

personagem da mãe, Bela. É nela que as situações mais extremadas se concentram. Bela rouba para alimentar as filhas, Lu e Jessy, e esbraveja, luta fisicamente quando as crianças são levadas de casa pelos agentes do Serviço Social, mas não consegue ser ouvida. Seu comportamento muda ao longo da história, revelando uma transição de atitudes na tentativa de se adequar às regras do lugar (cultura) onde está. A transmutação acontece aos poucos e se inicia depois dela ser orientada por uma advogada local, que alerta que a situação é injusta, só que é quase sempre irreversível. Bela demonstra sua revolta, mas parece compreender que só há uma chance de conseguir a guarda dos filhos de volta e passa, então, a ser mais contida, ponderada em suas palavras e gestos, a ponto de assumir a defesa do seu caso no tribunal. É Bela que conduz uma das cenas mais emblemáticas da narrativa, quando fica diante do juiz que vai decidir se Lu irá voltar para a família, a essa altura Jessy e Diego já tinham sido adotados. Essa sequência é impactante porque denuncia o esforço da personagem em seguir os códigos britânicos, ou seja, “falar a mesma língua” que eles para que possa ter alguma chance de reaver a criança. Não nos referimos a língua inglesa e, sim, aos códigos do sistema cultural britânico, porque como bem reforça Lotman (2007), não basta que ambos os participantes de uma comunicação falem a mesma língua nativa para que haja um entendimento, é necessário, “a memória semiótica da cultura” (Lotman, 2007, p. 16).

O processo de mudança da personagem Bela expõe momentos de intradutibilidade vivenciados nos primeiros dias em que as crianças são levadas para o abrigo do governo até sua “adequação” à cultura em que está inserida, uma “adaptação” que a obriga a se transformar, escondendo sua indignação e alterando até o jeito que se comunica com as crianças. Na impossibilidade de ser ouvida, a personagem busca se comportar conforme o sistema modelizante vigente onde se encontra, de acordo com a orientação da advogada, ou seja, incorpora os códigos estabelecidos da cultura que a tensiona.

A luta dessa família, além de ser jurídica, é, principalmente, centrada nas fronteiras da significação, nas zonas de tensão, onde se concentram

os sentidos passíveis de remodelações (Lotman, 2013; 2021). Duas cenas de “Listen” traduzem a oscilação que transita pelas zonas fronteiriças da cultura. Uma delas é entre o pai e o filho mais velho. Bela sai de casa pela manhã para trabalhar, leva a bebê e deixa Lu na escola. Diego fica em casa doente, acamado com sinais de uma gripe forte. O pai tenta tirá-lo da cama e o menino vai tomar banho, embora relutante. Jota precisa da ajuda do filho para arrumar a casa e, mais tarde, receber o Serviço Social com tudo em ordem. O diálogo entre eles mescla frases em português e em inglês, um reflexo do lugar impreciso em que se encontram, como se ocupassem os limiares das fronteiras semióticas, onde não identificamos bem o que é externo, alheio (não-semiotizado) e o que é interno (semiotizado) (Kirchof, 2010).

A outra cena envolve toda a família, quando Bela conversa com os filhos na sala de visitas do Serviço Social e é impedida de falar em português e de usar a língua dos sinais com Lu. A orientação que ela recebe é que só pode falar em inglês e não pode abraçá-los, porque as manifestações de afeto não são permitidas. Em um primeiro instante, ela retruca e é expulsa da sala. Em visita posterior, se comporta seguindo os protocolos impostos e consegue conversar com as crianças. Nesses encontros, a família portuguesa se vê obrigada a atender os códigos legais e linguísticos da cultura britânica, se quiser estar junto por alguns instantes e se comunicar.

Lu se queixa com a mãe que ninguém conversa com ela no abrigo, só o irmão. O problema é que ninguém do Serviço Social sabia se comunicar na língua dos sinais, o que inviabilizava o diálogo direto com a criança. Mais do que uma barreira linguística, essa situação demonstra que eles foram condicionados aos códigos daquela realidade imprevisível, ou seja, irregular, nunca antes vivenciada pela família. Essa adaptabilidade acontece porque é o núcleo das semiosferas que “tende a reunir os elementos semióticos dominantes, que possuem o poder de determinar a conduta dos indivíduos” (Kirchof, 2010, p. 70), como parece acentuado na cena descrita, caso contrário o indivíduo corre o risco de ser “expulso” de determinado sistema da cultura, como aconteceu com Bela em sua primeira visita aos filhos. Ao passo que,

nas periferias (margens, fronteiras) a comunicação tende a ser mais flexível e dinâmica, passível de oscilações, como demonstra o diálogo entre Pai e filho.

O esforço em se adequar àquele sistema cultural fica evidente quando Bela fala com o marido em português, que a repreende, dizendo que combinaram de só conversarem em inglês, mesmo que estejam sós em casa. Mais do que treinar a língua nativa do país em que estão vivendo, essa situação revela o empenho deles em serem aceitos naquele espaço, já que dominando a língua estarão agindo como as pessoas que vivem ali.

Outra orientação que recebem da advogada é que não aceitem a defesa disponibilizada pelo Serviço Social, porque esse profissional tende a seguir as regras do sistema britânico e que, em hipótese nenhuma, façam postagens nas redes sociais, porque isso pode ser um complicador para o caso. A recomendação sinaliza mais um momento em que o casal é impedido de falar e de ser ouvido. Para que Bela fosse ouvida, ela precisou se comportar como uma “cidadã britânica”, de maneira mais polida, menos agressiva, sendo orientada como agir e o que dizer diante do juiz.

No caminho oposto de Bela, que se retrai, Jota, que no início da trama é mais pacífico, tem um momento de fúria e vai até a marcenaria que deve por seu trabalho e quebra objetos, xinga e acaba por receber o que lhe devem. Bela e Jota seguem trajetórias distintas que sinalizam igualmente a dificuldade de lidar, dialogar e interagir como outro em um sistema cultural diverso.

A situação financeira da família explicita uma contradição social que se evidencia quando Bela faz uma vídeo-chamada e pede dinheiro aos pais para comprar um novo aparelho auditivo para Lu. A mãe dela diz que não pode socorrê-los naquele instante e sugere que eles peçam auxílio exatamente ao Serviço Social, Bela responde que, diferente de Portugal, lá as coisas não funcionam desse jeito, que, se pedirem ajuda, pode ser mais um motivo que leve a pensar que não podem arcar com os custos de viver ali. O Serviço Social, que na visão da mãe de Bela deveria apoiá-los, se torna o algoz do casal.

O pedido deles à advogada é que recuperem a guarda dos filhos e sejam encaminhados de volta a Portugal para serem julgados em seu país, mas não conseguem. Bela convence o juiz a entregar Lu, Diego escapa da família adotiva e segue clandestinamente para Portugal, para mais tarde encontrar com os pais, e Jessy nunca mais é devolvida.

Nessa trajetória, Bela teve a ajuda e a compaixão de uma das funcionárias do Serviço Social, que, curiosamente, era alguém que apresentava um biotipo de descendência indiana. Parece que é como se o apoio tivesse vindo de alguém que representasse, também, o outro naquele ambiente que se tornou hostil. Ainda assim, em uma das últimas cenas do filme, Bela culpa essa moça por não tê-la ajudado a recuperar Jessy, já que ela, como funcionária do Serviço Social, conhecia bem a perversidade do sistema a que estavam sujeitos, como se compreendesse bem que a funcionária como integrante daquela cultura soubesse como tudo funcionava, ao contrário de sua família, que desconhecia a fundo o sistema modelizante do país que escolheram para ter uma vida melhor.

Considerações finais

De modo abrangente, esta investigação alerta para a importância de se pensar e discutir um problema cada vez mais exposto na sociedade atual, que é a convivência entre diferentes culturas, acentuada pela mobilidade de povos refugiados. De maneira mais específica, ao observar o filme “Listen” avançamos na compreensão dos mecanismos de funcionamento da comunicação intercultural, pois o filme transparece como a xenofobia, muitas vezes associada a xingamentos, agressões verbais ou físicas, pode acontecer de modo mais sutil e não menos doloroso, quando está arraigada em um processo estrutural, que vê o outro como um estranho, “alheio à minha cultura”, e que por isso pode ou deve ser ignorado – por vezes, silenciado. Quando falamos em estrutural, nos referimos aos códigos que estão arraigados em determinada cultura e formam o núcleo duro da semiosfera.

A principal inquietação que conduziu esta reflexão foi pensar como se estabelece a comunicação entre distintas culturas. Orientados pelos pressupostos teóricos da semiótica da cultura de Lotman (1996; 1998; 2003; 2007; 2013; 2021) buscamos dimensionar o conceito de comunicação intercultural que perpassa a tradução, num sentido amplo que vai além da transposição de um texto verbal de uma língua à outra. Para Lotman (2013, 2021) o mecanismo de tradução tem relação com a transmissão de mensagens e geração de novos sentidos e se apresenta por duas vias distintas, uma que contempla a tradutibilidade, quando há uma convergência de códigos, e outra que segue o percurso da indeterminação dos sentidos, provocando momentos de intradutibilidades, esses instantes se concentram nas periferias das semiosferas (dimensão abstrata que acolhe diferentes sistemas da cultura). Nessas zonas de fronteiras, os textos da cultura são mais maleáveis, e, portanto, passíveis de serem reconfigurados.

Esses encontros fazem parte da dinamicidade da cultura e são responsáveis pelas atualizações e expansões dos textos culturais, logo, estão longe de representar um enfrentamento que deve ser rechaçado, porque é no tensionamento que novas informações podem ser assimiladas e novos sentidos gerados.

Referências

- AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lotman. *A semiótica* (online), São Paulo, n.12, v.1, P. 05-12, Jan./Abril, 2017.
- BARBOSA, Luciano Pestana; HORA, José Roberto Sagrado. *A polícia federal e a proteção internacional dos Refugiados*. Brasília: ACNUR Brasil, 2006.
- COCA, Adriana Pierre. *Cartografias da teledramaturgia brasileira: entre rupturas de sentidos e processos de telerrecriação*. São Paulo: Labrador, 2018.

- COCA, Adriana Pierre; CORSI, José Rafael Pieroni. O olhar documentarizante sobre a crise dos refugiados na telenovela brasileira “Órfãos da Terra”, p. 476-500. In: SWING, A. *et al.* *Narrativas Imagéticas*. Aveiro: Ria Editorial, 2019.
- COCA, Adriana Pierre; TAVARES, Miriam. “Aruanas”: a agenda 2030 da ONU na pauta da ficção seriada do streaming. *Revista Latinoamericana de Ciências da Comunicação* (online), 40ª edição, 2022.
- KIRCHOF, Edgar Roberto. Yuri Lotman e Semiótica da Cultura. *Revista Práxis*, v. 2, p. 63–72, 2010.
- LOTMAN, Iúri Lotman. *Cultura y Explosión: lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social*. 2ª ed. Barcelona: Gedisa Editorial, 2013.
- _____. *La Semiosfera I*. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de València, 1996.
- _____. *La Semiosfera II*. Semiótica de la Cultura, del Texto, de la Conducta y del Espacio. Madrid: Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de València, 1998.
- _____. *Mecanismos imprevisíveis da cultura*. Trad. Irene Machado. São Paulo: Hucitec Editora, 2021.
- _____. *Por uma teoria semiótica da cultura*. Trad. Fernanda Mourão. Belo Horizonte: Ed. FALE/UFGM, 2007.
- _____. Sobre el concepto contemporáneo de texto. *Entretextos* (online), Trad. Gastón Gainza, n. 3, Granada, 2003.
- LOTMAN, Iúri; USPÊNSKI, Boris, & IVANÓV, V. *Ensaio de semiótica soviética*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- MACHADO, Irene. *Escola de semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial/FAPESP, 2003.
- _____. Lugar da tradução intersemiótica na comunicação intercultural. *Revista USP* (online), p. 111, 157-168, 2016.
- _____. *Tradução intersemiótica segundo Iúri Lotman: dualidade, alteridade e intraduzibilidade* (Palestra). Associação Brasileira de Linguista (online), realizada em 08 de nov. de 2021, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UqPNFf548EM>

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do. (orgs.). *Perspectivas metodológicas em Comunicação: desafios na prática investigativa*. João Pessoa: Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba, p. 195-220, 2008.